

## 20) As exigências supérfluas

São Bento nos ajuda a entender que pode existir um abuso no modo de viver a própria enfermidade, de usá-la diante dos irmãos.

Define este abuso com o termo *superfluitas* "superfluidade": "os enfermos... não entristeçam (*contristent*) com sua superfluidade aos irmãos que os servem" (RB 36,4). Trata-se de exigências supérfluas, necessidades inúteis, necessidades artificiais, inexistentes, mas que obrigam, do mesmo jeito, que outros devam responder, tenham de empenhar seu tempo, suas forças para responder. Assim, a responsabilidade diante da necessidade do outro que, como dizia nos últimos Capítulos, é em si a ativação da liberdade e também sua realização, esta responsabilidade é como enganada, encontra-se exercitada em um campo falso, irreal. Aquilo que é mais nobre e digno no homem, a liberdade que se faz responsável, portanto o amor, é enganado: brinca-se com a responsabilidade do outro, com sua liberdade e seu amor.

É neste sentido que São Bento diz que a necessidade supérflua contrista os irmãos que cuidam dos enfermos. Os irmãos que sentem-se usados pelas falsas exigências, tornam-se tristes. Passam da compaixão a tristeza. Queriam com-patir, "sofrer com", e encontram-se con-tristados, "tristes com".

É sempre bom pensar sobre isso, e não só no campo da saúde. Não é necessário chegar à doença, para ceder a tentação de fazer a comunidade carregar, ou a alguns irmãos em especial, falsas necessidades, as exigências supérfluas.

Trata-se, então, de tornar-se lúcidos acerca das necessidades e dificuldades ou deveres, que nem sempre podemos fazer os outros carregarem, mas que devemos aceitar assumir, carregar nós mesmos, com a graça de Deus.

Nem sempre é fácil tomar consciência disto. Todos nós, em âmbitos diferentes, gostaríamos que os outros carregassem, em nosso lugar, a nossa cruz. Às vezes percebemos, também graças aos outros, que, se nos encontramos no meio do caminho da comunidade, despojados e meio mortos, não foi porque fomos vítimas de salteadores, mas de nós mesmos. Sem perceber, precisávamos ser dependentes da dependência dos outros, em relação a nós...

Porém, também neste caso, São Bento não nos manda para um psiquiatra: questiona a nossa consciência e a nossa liberdade, para nos engajar humildemente em um caminho de cura. E nos pede e nos oferece um caminho de cura que passa através do temor de Deus. Pede-nos para trabalhar em todas os nossos pequenos mecanismos e encenações relacionais cultivando, sobretudo, a dependência de Deus.

Depender de Deus nunca é uma diminuição ou frustração da liberdade, porque Deus é a fonte da nossa liberdade.

Todos, enfermeiros, enfermos, celeireiros, irmãos, e, enfim, o abade, são reenviados neste capítulo 36 da Regra, ao esforço de regulamentar constantemente na responsabilidade para com Deus, a responsabilidade para com os outros. São Bento crê que não se pode ser, realmente, o próximo do

irmão em dificuldade, sem cultivar a proximidade com Deus, do qual, depende todo o nosso ser, e a partir do qual nos vem toda a graça de caridade, força, paciência.

No fundo, não é com relação a necessidade do outro que podemos nos superar, também e sobretudo, onde nos exige um grande sacrifício, uma grande superação da nossa generosidade. Em todas as circunstâncias, somos chamados a nos superar na confiança ao Senhor onipotente e cheio de amor. Aquilo que aumenta os limites, muito humanos, do dom de nossa vida, e portanto, os limites de nossa capacidade de responder às necessidades dos outros, é um abandono sempre maior e sempre mais humilde, a Deus que nos dá a graça de amar sempre mais.

Deus quer nos dar esta graça, porque Ele nos chama a isto. Deus nos convida e nos chama a superar-nos no amor, justamente através da necessidade do próximo, através da pobreza do irmão, que Ele nos faz encontrar e do qual nos quer responsáveis.

Assim, São Bento começa imediatamente este capítulo com a identificação do irmão enfermo com Cristo sofredor: "deve tratar-se dos enfermos, antes de tudo e acima de tudo, de modo que se lhes sirva como ao Cristo em pessoa, pois Ele disse: 'Fui enfermo e visitastes-me' e 'Aquilo que fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes'." (36,1-3; cfr. Mt 25,36.40).

No amor cristão pelo próximo, a fonte de força de amar coincide com a fraqueza de nossos irmãos e irmãs, que precisa amar. Deus, em Jesus Cristo, faz coincidir o objeto do amor com a fonte do amor. É Deus quem nos dá amor para amá-Lo, para amá-Lo no próximo.

Os enfermos devem reconhecer em si mesmos e naqueles que os servem, o mesmo mistério: "os enfermos, porém, considerem que são servidos em honra a Deus". Eles também devem reconhecer que Cristo sofre neles, e que esta é a sua profunda dignidade, que deveria dar-lhes a paciência de suportar em si, Cristo sofredor, sem se distrair disto com exigências supérfluas.

Contudo, quando os enfermos não sabem ou não podem viver a própria doença com esta consciência, e isto é muito compreensível, a Regra pede aos enfermeiros para redobrar a paciência "para que tenha uma recompensa maior" (36,5), o que significa que precisa referir-se, ainda mais, àquilo que vem de Deus, que precisa depender, ainda mais, de Deus. Tudo aquilo que esperamos de Deus, nos torna mais livres daquilo que podemos esperar de nós mesmos e dos outros, incluindo os enfermos.

Em seguida São Bento continua a insistir sobre esta dependência de Deus para ser, verdadeiramente, o próximo dos outros. O enfermeiro deve ser "um irmão temente a Deus" (36,7); e a responsabilidade final do abade, sobre o cuidado com os enfermos, deriva da sua responsabilidade direta perante Deus, que lhe confiou o rebanho: "que tenha, pois, o abade o máximo cuidado em que os enfermos não sejam negligenciados nem pelo celeireiro nem pelos que lhes servem, pois sobre ele recai qualquer falta que tenha sido cometida pelos discípulos." (36,10)

Uma coisa é clara: São Bento nos quer todos Samaritanos responsáveis, próximos dos irmãos em necessidade, e, como Jesus, inscreve isto no coração da nossa vocação monástica, totalmente consagrada à glória de Deus: "os enfermos são servidos em honra a Deus" (36,4).

A unificação que define a vida do monge, o homem consagrado à honra, à glória de Deus, para ser real e se realizar, deve passar através da proximidade dos irmãos em necessidade. Servir a glória de Deus e servir os irmãos, enfermos ou pobres, é um único serviço, o serviço do amor. Separar-lhes, significa dividir o nosso coração e a nossa vocação monástica.